

AS RIQUEZAS DE MAMÃE

MARY KENYON

Deve haver algo muito especial numa mãe que consegue educar uma filha sem que ela tome consciência da pobreza em que vive.

Eu não sabia que era pobre, até a segunda série tinha tudo de que precisava: nove irmãos e irmãs para brincar, livros para ler, uma boneca feita de retalhos e roupas limpas que mamãe habilidosamente remendava ou, muitas vezes, fazia. Minha mãe lavava e trançava meu cabelo à noite para eu ir à escola no dia seguinte, meus sapatos marrons estavam sempre limpos e engraxados. Eu era feliz na escola, adorava o cheiro de lápis novos e do papel grosso que a professora distribuía para nossos trabalhos. Absorvia os conhecimentos como uma esponja, ganhando o cobiçado privilégio de levar mensagens para a sala do diretor durante uma semana.

Ainda me lembro do dia em que, com um sentimento de orgulho, subi sozinha os degraus da escola. Indo para minha sala, encontrei duas meninas mais velhas. Uma segredou para a outra: "Olhe, essa é a menina pobre." E elas riram. Com o rosto vermelho e segurando as lágrimas, fiquei transtornada.

No caminho para casa, tentei eliminar os sentimentos conflitantes que os comentários das garotas me causaram. Fiquei imaginando por que as meninas me consideravam pobre. Olhei de modo crítico para meu vestido e, pela primeira vez, notei como era desbotado, um vinco na bainha denunciando que tinha sido aproveitado. Sei que os pesados sapatos de menino eram os únicos que evitavam que eu andasse na lateral dos pés, mas de repente me senti envergonhada por serem tão feios.

Quando cheguei, tive pena de mim. Senti como se estivesse entrando na casa de um estranho, olhando para tudo de modo crítico. Vi o tapete velho na cozinha, manchas de dedos na pintura meio descascada das portas. Abatida, não respondi à saudação alegre de minha mãe que preparava biscoitos de aveia para o lanche. Tudo me pareceu feio e acanhado. Fiquei trancada no quarto até a hora do jantar, imaginando como falar com mamãe sobre pobreza. Por que da não me contara? Por que tive de descobrir por outras pessoas?

Enchi-me de coragem e fui para a cozinha: "Nós somos pobres?", perguntei de repente, meio desafiadora. Esperei que ela negasse, contestasse ou, pelo menos, desse uma explicação satisfatória, para que eu não me sentisse tão mal. Minha mãe me olhou contemplativamente, sem nada dizer por um instante.

"Pobres?", repetiu pousando a faca com que descascava batatas. "Não, não somos pobres. Olhe para tudo que temos", ela disse, apontando para meus irmãos que brincavam na outra sala.

Através dos olhos de minha mãe pude ver o fogo da lareira que enchia a casa com seu calor, as cortinas coloridas e os tapetes de retalhos feitos por ela e que enfeitavam a casa, o prato cheio de biscoitos de aveia sobre a cômoda. Do lado de fora, o quintal que oferecia alegria e aventura para dez

crianças. Ela continuou: "Talvez algumas pessoas pensem que somos pobres em matéria de dinheiro, mas temos tanto..." E, com um sorriso, minha mãe se virou para preparar mais uma refeição para sua família, não se dando conta de que, a cada noite, ela alimentava muito mais do que estômagos vazios. Ela alimentava meu coração e minha alma.